

1890

A Afonso Pena

Afonso Augusto Moreira Pena havia sido colega de Nabuco na Faculdade de Direito em São Paulo. Foram colegas de Câmara. Houve divergências políticas, mas nunca deixou de haver entre eles uma cordial amizade e recíproco respeito. Pena foi várias vezes ministro do Império. Proclamada a República, embora não aderisse logo a ela, foi eleito senador à Assembléa Constituinte de Minas Gerais. Foi depois presidente de Minas Gerais, presidente do Banco do Brasil e finalmente presidente da República. Faleceu no terceiro ano de seu quadriênio, em 1909.

Paquetá, 24 de julho de 1890.

Meu caro Pena,

Acabo de ler com vivo interêsse a sua carta e estimo vê-lo compreender de modo tão nobre o seu papel no novo regime.

Há, entretanto, ainda entre nós uma pequena discrepância que não existiria, estou certo, se eu fôsse mineiro. Não devemos mais pensar em monarquia, diz você. Não é preciso, ou melhor, é indiferente que pensemos ou não nela. A acumulação dos erros republicanos, a catástrofe financeira, o apagamento do senso moral, o abalo da unidade nacional, os conflitos da federação, a indisciplina do exército, a irresponsabilidade das ambições e a queda da civilização (em todos os seus elementos) com o aparecimento de fôrças novas estranhas e a que a miséria pública dará maior impulso, como o clericalismo, o fanatismo, o bairrismo, o militarismo, tudo isso junto produzirá, no fim de alguns anos, uma situação como a de 1840, e tudo o que hoje os mentecaptos políticos admiram fará horror ao país. A monarquia se reabilitará então moralmente pelo contraste, e a inteligência do país se abrirá para êste simples aforismo — que povos no período em que estamos não podem dar um passo na ordem e na liberdade sem neutralizar de qualquer forma a posição

suprema, por outra, que as rodas não caminharão sem um eixo forte. Nem a República Argentina, nem o Uruguai, teriam sofrido os governos que têm tido se tivessem uma tradição liberal de monarquia à qual recorrer no seu estado de desânimo. Os partidos conservadores no México, depois de lutar em vão contra a desordem revolucionária — ou antes « a anarquia espontânea » (Taine), tiveram afinal que pedir um príncipe da Europa que por ter ido na bagagem de um exército estrangeiro, e só por isso, naufragou.

Enfim, não digo que devemos fazer política monárquica, mas tôda política levará lá. A monarquia caiu no Brasil sem haver uma queixa contra ela dos próprios republicanos, tanto que a procuraram recompensar. Nenhum dos nossos males veio dela, mas dá anarquia em que ela tinha caído como instituição, isto é, pelos partidos, não pela dinastia. A anarquia era geral, na escola como nos quartéis, no parlamento como no júri, na imprensa como na administração. Onde é que se viu curar a anarquia pela anarquia? pela república? Eu não chego até essa homeopatia. Concordo entretanto em tudo mais com você, e quem souber retrain-se saberá quando menos o que devera ser o mais a sua dignidade e em todo tempo poderá retificar a sua atitude se os acontecimentos forem mais benignos para nós do que merecemos.

Adeus, meu caro Amigo. Muitas felicitações pela sua honrosa recusa.

Há uma impaciência no Saraiva (1) que só servirá para trazer-lhe a decepção que o Luís Felipe acaba de ter em Pernambuco.

Os estadistas de cá deveriam lembrar-se um pouco de que há ainda banidos e deportados e de que se a atual ditadura podia ser mais *violenta* não poderia nunca ser mais arbitrária por mais que fizesse.

Do seu velho amigo e colega

JOAQUIM NABUCO.

(1) Saraiva aceitou sua designação para a Constituinte e foi eleito senador. Pouco depois resignou.

P. S. — Por não lhe ter expedido logo esta carta posso baseá-la na revolução argentina. Nas repúblicas sul-americanas nunca nenhum partido cairá senão pela guerra civil. As revoluções correspondem às nossas dissoluções de outrora. Eu francamente preferia viver sob um regime que dispensava de armarse para disputar o poder a quem tinha essa fantasia. Leia no *Jornal do Commercio* o manifesto dos revolucionários e faça-lhe aplicações de *Santa Bárbara!*

Sempre o mesmo seu

J. NABUCO.

Ao barão do Rio Branco

Paquetá, 31 de julho de 1890.

Meu caro Amigo,

Muito lhe agradeço o seu confortante latim — era o caso de acrescentar ao *Le latin dans les mots brave l'honnêteté* alguma coisa que dissesse que nas repúblicas intolerantes êle abriga também a liberdade de linguagem. Também recebi pelo R. o seu *Cave canem* acêrca do agente secreto universal.

Aqui publicou-se a notícia de uma remoção geral (para a aposentadoria) do Corpo Diplomático e vi algumas substituições de côsules. Não sei se o Quintino irá tão longe, nem mesmo se não irá mais longe. Ficaria o nosso Corrêa flutuando *in gurgite vasto*, único de sua espécie fóssil. E você? Não haverá um iconoclasta republicano que um dia queira deitar abaixo o seu grande nome? Eu não sei de nada... Temos hoje tal qual um El Supremo. Ser amigo dêle ou parente é a única recomendação segura, como ser seu desafeto é o único anátema que não se pode levantar. Exemplos do 1.º caso — o Lucena (nomeado agora sátrapa de Pernambuco) e um dr. José Felix, nomeado presidente da Intendência desta cidade, tendo resistido a duas mudanças totais de Intendência, permanente como o ditador. Converteram o 5